

TEOLOGIA PARA OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Ir. Afonso Murad FMS

I. O Fórum Mundial de Teologia e Libertação

Aconteceu em Porto Alegre, de 21 a 25 de janeiro de 2005, o 1º **Fórum Mundial de Teologia e Libertação** (FMTL), com o tema geral **Teologia para outro mundo possível**. Em conexão com o Fórum Social Mundial, o FMTL reuniu quase 200 teólogos e teólogas, vindos de distintos pontos do planeta e previamente convidados pelos organizadores. O evento foi promovido por várias entidades internacionais, entre as quais a Associação de Teólogos do Terceiro Mundo (Assett/Eatwot), Grupo Ameríndia e a Sociedade de Teologia e Ciências Religiosas (SOTER). A metodologia adotada privilegiou a discussão a partir de um amplo leque de temas relacionados à libertação. Cada dia (com exceção do primeiro) havia uma conferência e um painel, no período da manhã. E à tarde, um segundo painel, com colocações breves e mais tempo para intervenções do plenário. Por fim, um trabalho em grupos lingüísticos (português/espanhol, inglês e francês), em vista de confrontar o tema do dia com a experiência e a percepção dos participantes e tecer fios para uma síntese. À noite havia uma conferência temática, dirigida ao público externo.

O primeiro dia girou em torno de um *Panorama Mundial da Teologia, por Regiões*. Pela Ásia se apresentaram Felix Wilfred (Índia) e Emelina Villegas (Filipinas). Da África manifestaram-se Remathete Dolamo (África do Sul) e Emmanuel Martey (Gana). Já o velho continente europeu esteve presente nas figuras de Rosino Gibellini (Itália) e Sabine Plonz (Alemanha). Por fim, a síntese sobre a América do Norte foi apresentada por Dwight Hopkins

(EUA) e Michel Beaudin/Lee Cormie (Cadaná), e a América Latina e Caribe por Tânia Mara (Brasil) e Ignacio Madera (Colômbia). O segundo dia do Fórum esteve sob a égide *Outro Mundo é possível*. O pensador português Boaventura de Sousa Santos fez a primeira conferência: uma *Análise da situação mundial*. Seguiu-se o painel *Problemas e possibilidades do mundo de hoje para a teologia*, com Ulrich Duchrow (Alemanha) e Deenabandhu Manchala (Índia). E ainda *O lugar e as possibilidades da utopia hoje*, com a teóloga coreana Chung Hyun Kyung e o brasileiro Leonardo Boff.

O terceiro dia, um domingo, dedicado ao tema *Deus para outro mundo possível*, iniciou-se com uma celebração ecumênica, centrada na Palavra de Deus, e respondida com gestos e músicas. Wanda Deifelt, teóloga luterana brasileira, pronunciou a conferência *Contexto social, linguagem e imagem de Deus*. Os dois painéis do dia tocaram a questão de *Deus e gênero*, com a contribuição de Elsa Tamez (Costa Rica) e Evangeline A.-Rajkumar (Índia), e *Deus e tradições étnico-culturais*, com James Massey, do grupo Dalet da Índia, o mexicano Elezar Lopes e três indígenas latino-americanos.

Religião para outro mundo possível foi o tema do quarto dia. Os participantes foram brindados com a conferência proferida pelo dominicano francês Claude Geffré, intitulada *O futuro da religião entre fundamentalismo e modernidade*. Os painéis ampliaram o assunto. O coreano-brasileiro Jung Mo Sung e a tanzaniana Rogate Mshana, que atua no Conselho Mundial das Igrejas, estimularam a discussão sobre *Religião e Mercado*. O jovem norueguês Sturla Stalsett e o indiano K.C. Abraham provocaram a reflexão sobre *Religião e Poder Político*. O último dia contemplou o tema *Teologia para outro mundo possível*. O conhecido teólogo jesuíta indiano Michael Amaladoss foi o conferencista de *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso*. Os últimos painéis completaram o leque temático do FMTL: *Para uma ética mundial*, com Enrique Dussel (Argentina) e Lise Baroni (Canadá) e *O lugar da teologia em outro mundo possível*, com o espanhol J.J. Tamayo e a nigeriana Thereza Okure.

Como cronista, emitirei um parecer pessoal sobre o acontecimento. O Fórum foi muito significativo, por uma série de razões. O fato de realizar-se em Porto Alegre, constituindo-se em um dos encontros preparatórios ao Fórum Social Mundial, em íntima relação com sua intenção e temática, revela a opção de seus organizadores de situar o evento não somente no âmbito das igrejas cristãs, mas sim no horizonte de um movimento planetário de cidadania e recriação de utopias mobilizadoras. Os participantes sentiram-se sintonizados com esta causa maior, e grande parte do grupo também tomou parte do Fórum Social Mundial, juntando-se a tantos que se empenham por “um outro mundo possível”. Em segundo lugar, o Fórum foi um grande *encontro de pessoas que fazem teologia*. Elas tiveram oportunidade de se reconhecerem no nome, no rosto, nas palavras e nos gestos. É extremamente estimulador conhecer pessoalmente colegas teólogos/as, com as quais se tem contato somente por seus escritos. Trata-se de uma experiência humana valiosa: ir para além do que a pessoa escreve, começar a co-

rneher algo dela mesma. E também fazer novos contatos, trocar endereços eletrônicos, conversar sobre projetos e futuras publicações. Tudo isso tem um efeito positivo sobre a produção teológica, pois as pessoas se sentem estimuladas a continuar elaborando e partilhando seu saber.

O Fórum manifestou que há uma teologia viva, medrando em muitos contextos geográficos do planeta, engajada na luta para criar uma sociedade diferente da atual, na qual os pobres, as mulheres, as etnias e culturas excluídas e o ecossistema sejam considerados na sua peculiaridade. Confirmou que a Teologia da Libertação (TdL), nascida da opção pelos pobres na América Latina, encontra hoje distintas e complementares formas de expressão e acentos, como na eco-teologia, na teologia feminista, na teologia das religiões e na teologia inculturada junto a etnias africanas, asiáticas e ameríndias. O FMTL mostrou também, pela significativa presença de teólogas, de africanos e asiáticos (especialmente da Índia), e de membros de muitas igrejas cristãs, que se ampliou o perfil dos protagonistas da TdL. Mulheres e leigos estão conquistando espaço como elaboradores do seu saber. A TdL está-se tornando um movimento profético nas igrejas cristãs, para além dos espaços confessionais. O fenômeno da globalização, com o componente explosivo do fenômeno migratório que toma sobretudo os países do Norte, faz emergir que a TdL não está restrita ao âmbito latino-americano, mas se tornou mundial. Durante os cinco dias de Fórum, fez-se uma experiência de ecumenismo, de diálogo, de inclusividade e valorização das diferenças de gênero, etnias e cultura. E, finalmente, transpareceu que a TdL é testemunhal, pois faz eco das vivências eclesiais dos pobres e com os pobres, na fé. Em alguns momentos em especial, alguns testemunhos de vida tocaram a assembléia. Testificou-se que a TdL sustenta-se numa experiência de fé, em comunidade, a partir de Jesus, no Espírito.

Alguns aspectos poderiam ser melhorados. Muitos teólogos/as brasileiros/as não puderam participar do 1º Fórum devido aos restritos critérios de seleção. Seria conveniente aumentar o número de participantes e modificar o critério de proporcionalidade, de forma a garantir uma presença maior de membros da região onde o Fórum se realizar e a valorizar as áreas com mais intensa produção teológico-pastoral libertadora, como é o Brasil. Quanto aos temas, eles estavam bem concatenados, seguindo uma linha lógica, ao articular mundo, Deus, religião e teologia em vista de “um outro mundo possível”. No entanto, algumas questões vitais para a TdL passaram despercebidas. Poderia ter sido útil um painel com os corifeus dos inícios da Teologia da Libertação, para resgatar suas origens.

O evento intitulou-se “Fórum Mundial de Teologia e Libertação”, e não “Teologia da Libertação”. Esse deslocamento semântico exige uma reflexão mais cuidadosa. Sinaliza que algo está sendo repensado, pois o cenário mundial e eclesial modificou-se substancialmente nos últimos anos. Mas teria sido útil refletir exatamente a pertinência atual da TdL. O Fórum confirmou que a TdL assumiu as faces concretas da mulher, do negro, do

indígena. Ampliou assim seu horizonte ao incluir as questões de gênero, de etnias e culturas, da ecologia e do diálogo inter-religioso. Mas o FMTL não tocou em profundidade sobre a seguinte questão: Que aspectos da experiência de vida e da luta dos pobres interpelam hoje a fé e a teologia cristãs? Por fim, alguns teólogos/as expressavam que estavam sendo abandonados por suas igrejas, não mais interessadas em promover a cidadania, mas sim voltadas para si próprias e para o mundo do sagrado. Ora, quais seriam os traços da TdL num contexto no qual nem os pobres nem as igrejas estão tão empenhados na libertação? Que significa optar por teologia e pastoral da libertação em igrejas nas quais o pentecostalismo cresce avassaladoramente, e a confessionalidade e o controle do poder tornam-se as principais preocupações? Tive a impressão (trata-se de uma opinião pessoal, não de um consenso do grupo) de que o Fórum confirmou o caminho traçado, fortaleceu as pessoas na sua opção por uma “teologia cidadã planetária”, mas abriu poucos caminhos originais. Talvez porque ele retrate o nosso atual estado de perplexidade. Assim, gostaria de acrescentar alguns pontos a partir dos quais se poderia avançar a reflexão. Parto do princípio, adotado por J. Sobrino, de que a TdL, na sua intuição fundamental, isto é, fazer central a relação entre Deus e as vítimas desse mundo, é perene, no sentido clássico do termo. Ela está sendo recriada, pois é portadora de um profetismo insuperável e as vítimas de hoje não se apresentam da mesma forma de anos passados.

II. Lugar e a pertinência da Teologia da Libertação hoje.

1. A Teologia da Libertação e seu contexto

A TdL nasceu e ganhou corpo, de maneira especial, na Igreja católica da América Latina. A confluência de vários fatores planetários e eclesiais possibilitou sua gestação, aparecimento e crescimento. Basta lembrar a impressionante efervescência dos anos sessenta. Entre tantos aspectos, estes tempos foram marcados pela emergência da consciência feminista, por uma revisão de hábitos de vida em amplos setores sociais, pela explosão do movimento sindical e do movimento estudantil com suas idéias libertárias, pelo conflito entre os projetos do capitalismo e do socialismo, que dividiu o mundo em dois blocos ideológicos. Na América Latina, os governos militares sufocaram boa parte das lideranças emergentes. E a consciência social reprimida encontrou eco na Igreja, que estava aberta para o diálogo com o mundo.

Na década de sessenta, a Igreja católica passou por uma fase de atualização e mudança estrutural, com o Concílio Vaticano II. A conferência do CELAM

em Medellín, em 1968, confirmou o direcionamento renovador, articulando-o com um discurso libertador, mostrando as implicações sociais da mensagem do Evangelho. Os documentos de Paulo VI sobre “O progresso dos povos” (*Populorum Progressio*) e “O anúncio do Evangelho” (*Evangelii Nuntiandi*) também somaram na mesma direção, ao marcarem as balizas de uma relação frutífera entre a proclamação da Boa Nova e a promoção de relações sociais fundadas na justiça e nos Direitos Humanos. No entanto, tudo isso poderia ter permanecido somente como belas declarações oficiais. A mudança aconteceu devido à atuação efetiva de vários agentes históricos eclesiais, que promoveram “um novo jeito de ser Igreja”, denominada também de “Igreja dos pobres” ou “Igreja da libertação”. As expressões são insuficientes para caracterizar a riqueza e a amplitude da proposta.

A contribuição de vários atores eclesiais, tanto da base quanto da cúpula, foi um dos “fatores críticos de sucesso” da Igreja da Libertação. Ela herdou das lideranças leigas da Ação Católica a leitura crítica da realidade social e a atuação transformadora sobre ela, com o método “Ver-Julgar-Agir” e o engajamento em instâncias específicas da sociedade. Espalhou-se no meio do povo pobre, nas periferias das grandes cidades e na zona rural, com a criação e divulgação dos “Círculos Bíblicos”, originando uma leitura comunitária e criativa da Palavra de Deus. A Bíblia saía das mãos dos intelectuais e do clero e enriquecia-se com percepções originais, a partir da analogia dos “fatos da vida” com os “fatos da Bíblia”. Somou-se ainda a adoção de intuições do Método Paulo Freire: a “conscientização” (neologismo criado por ele), a “pedagogia do oprimido”, e o protagonismo dos pobres. Até então, as esquerdas históricas estruturadas não reconheciam o poder e a sabedoria dos setores populares, mas acreditavam que o proletariado seria guiado pelos seus iluminados dirigentes. A Igreja da libertação, ao contrário, crê que o agente de pastoral e o teólogo devem “aprender com o povo”. Portanto, de forma especial e não exclusiva, a metodologia da Ação Católica, a leitura comunitária da Bíblia e a crença no protagonismo dos pobres, como agentes de mudança eclesial e social trouxeram algo original no seio da base da Igreja. Sua grande expressão histórica foi as Comunidades Eclesiais de Base, como “novo jeito de ser Igreja”, e no seu esteio, as pastorais sociais.

Na hierarquia da Igreja destacaram-se alguns atores decisivos. Vários bispos, nomeados por Paulo VI, colocaram em prática a proposta de renovação do Concílio. Estabeleceram Assembléias Diocesanas de Pastoral, criaram várias instâncias participativas, com leigos/as, religiosos/as e padres. Estimularam a formação de lideranças leigas pobres, a criação das CEBs e das pastorais. Apoiavam os teólogos da libertação e convidavam-nos para prestar assessoria nos processos pastorais em suas dioceses. No Brasil, de forma especial, a CNBB exerceu um grande poder de estimular as dioceses a vivenciar processos de renovação eclesial e de atuação social, sobretudo através das “Diretrizes” emanadas nas Assembléias Gerais. Além disso, padres diocesanos e religiosos, nos mais diversos cantos do país, apoiaram os leigos das classes populares, assumiram uma postura de vida de pasto-

res, irmãos e companheiros junto a eles, tomando parte de suas lutas pela conquista da terra, e de outros direitos sociais básicos, como o transporte e a saúde. Parte da hierarquia redefiniu sua vocação no meio popular, pobre e religioso. Assim se expressou Dom Aloísio Lorscheider: “Eu levava a fé ao povo como se leva uma receita já pronta, sem refletir mais detidamente sobre o seu significado para o contexto sócio-político-econômico-cultural-religioso desse povo. [...] No Nordeste, em contato com outro tipo de comunidade eclesial de base, nascida não em primeiro lugar da necessidade do culto, em buscar solução cristã para problemas concretos da vida, o meu ministério episcopal, na sua tríplice função de ensinar, santificar e governar, foi adquirindo outra feição”.

No entremeio do corpo eclesial, os religiosos/as, sobretudo através da Vida Religiosa Inserida, contribuíram significativamente na Igreja da Libertação como agentes de pastoral qualificados e testemunhas de valores evangélicos. Por sua vez, a mudança de estilo de vida e a proximidade junto aos setores populares foram decisivas para a renovação da Vida Religiosa na América Latina. Muitos institutos reencontraram suas origens e intuições fundacionais, ao trocarem suas obras tradicionais pela presença junto aos pobres e atuação direta nas igrejas particulares.

Alguns teólogos, formados na Europa, traziam consigo o sopro renovador de uma teologia sedenta por dialogar com o mundo moderno, atenta aos “Sinais dos tempos”, e que incorporava novas categorias filosóficas da subjetividade e da intersubjetividade. Numa relação viva e estimuladora com leigos dos setores populares, religiosas/os, padres e bispos, eles criaram uma teologia extremamente fértil, atrativa e significativa.

Os Encontros Intereclesiais das CEBs e as Assembléias do Concílio de Jovens foram momentos emblemáticos, nos quais esta consciência eclesial libertadora fortalecia-se. Em pleno regime militar, sob forte pressão do aparato repressor, muitas pessoas encontravam-se e confirmavam que estavam construindo a mesma proposta de Igreja e de sociedade. Os encontros envolviam as igrejas particulares na preparação, na execução e na reflexão posterior. Não eram eventos episódicos, mas processos grupais de avanço de consciência e de identidade.

A TdL ganhou visibilidade e consistência porque não se restringiu a uma elaboração acadêmica. Antes, era uma corrente caudalosa, fundada na experiência da “Igreja dos pobres”, que contagiou a muitos. A teologia, enquanto reflexão sobre a fé cristã e no horizonte da fé, respondia aos apelos de uma prática eclesial e social, ao mesmo tempo que lhe dava suporte teórico. “Teologia de Libertação” e “Igreja da Libertação” eram correlatas e interdependentes, a ponto de se confundirem em alguns momentos. A TdL almeja ser uma reflexão, animada pela fé, que parte da práxis, está inserida na práxis e contribui com a práxis libertadora.

Embora não fosse majoritária, do ponto de vista numérico, a “opção preferencial pelos pobres” ganhou reconhecimento e tornou-se *hegemônica*. A

Igreja assumiu a missão de “ser a voz dos que não têm voz”, mas também compreendeu que era necessário possibilitar que os oprimidos recuperassem sua voz. A prática da opção pelos pobres e sua interface teórica, a TdL, têm um significado histórico único. Depois de muitos séculos, quebra-se o pacto da hierarquia da Igreja com as oligarquias. A Igreja foi o ninho onde se desenvolveram muitas lideranças sociais, que atualmente contribuem no processo de recriar a sociedade civil. O protagonismo dos pobres, por meio da partilha comunitária da Palavra e da mobilização popular para resolver seus problemas básicos, são grandes escolas de cidadania. Do ponto de vista eclesial, a “Igreja da Libertação” significou um exercício original de subsidiariedade e superação do autoritarismo, apresentando um amplo leque de experiências participativas, como conselhos e assembléias em vários níveis e planos de pastorais elaborados em mutirão. Este novo jeito de ser Igreja, que se inspira nas comunidades primitivas dos primeiros séculos do cristianismo, toca também a forma de rezar em comunidade, o resgate da religiosidade popular, o desenvolvimento de formas criativas e participativas na liturgia, o esforço ingente de inculturação junto às culturas negras e indígenas, a catequese renovada e a relação profícua entre Palavra e Sacramento. Inspirada pelo Espírito, a Igreja recriou-se. Na expressão de Leonardo Boff, aconteceu uma eclesiogênese.

2. *A perplexidade*

A TdL assemelha-se ao milho semeado num campo bem preparado. Cresceu, deu espigas, frutificou e alimentou a muitos. Dele se fez milho cozido, pamonha, mingau, curau, canjiquinha, broa e pão. Alegrou aos pobres, nutriu esperanças e utopias. Mas, as sementes das novas espigas não germinam e a pessoas famintas preferem outro alimento. A imagem imprecisa traduz um desconforto real. O que está acontecendo na sociedade e na Igreja, para que a TdL perca sua atratividade e significância?

Apesar de tanta luta em prol de libertação, a pobreza no mundo (e na América Latina) aumentou nos últimos anos. A riqueza gerada pelo mercado globalizado não se traduziu em progresso para todos, mas em novas e sofisticadas formas de concentração de renda, de saber, de tecnologia e de poder. Houve uma deteriorização das condições. As classes populares sofreram uma deteriorização das condições de vida e um crescente desenraizamento cultural, perdendo rapidamente valores tradicionais que organizavam sua estrutura axiológica. Até viver no meio dos pobres tornou-se mais desafiador. Muitos bairros de periferia, nos quais os agentes de pastoral antes transitavam livremente, hoje são áreas controladas pelo tráfico de drogas. A violência urbana cresceu de forma assustadora. Antes, havia a crença de que os pobres queriam sua libertação e resistiam, de muitas formas, ao domínio do capitalismo. Bastava ajudar na organização popular e trazer à tona a consciência libertadora que o povo já trazia dentro de si. Hoje, isto já não é mais crença... Em síntese: a pobreza aumentou

e tornou-se mais complexa. E, em proporção inversa, diminuíram as mobilizações populares, as esperanças e as utopias.

Sirvo-me neste parágrafo de algumas anotações da conferência de Boaventura Sousa Santos, no FMTL. Segundo ele, sofre-se atualmente uma inversão da tensão entre *experiência* e *expectativa*. Até então, a expectativa era maior do que a experiência, gerando assim esperanças e utopias mobilizadoras. Hoje, as pessoas estão mais pessimistas, e cada vez mais não esperam que algo melhor venha no futuro. No dizer de Boaventura, “vive-se em espera, sem esperança”. As narrativas e idéias de inclusão social, como democracia, contrato social e direitos humanos, entraram em crise. Os processos de exclusão predominam sobre os outros. Temos sociedades democraticamente políticas, mas dominadoras no ponto de vista social e injustas na redistribuição da riqueza. O Estado, que já promoveu a cidadania, está agora a serviço do poder privado. É notória a privatização de serviços básicos, como água, energia, segurança e saúde. O Estado, que parecia solução, transforma-se em problema. Neste contexto, Boaventura aponta cinco “monoculturas” que caracterizam o sistema dominante: saber, tempo linear, naturalização das hierarquias, falso universal e produtividade. Dito de forma breve: o sistema arrogante propugna que somente o conhecimento científico tem rigor e desqualifica outras formas de saber. Move-se no horizonte do tempo linear, pois crê que a história tem direção e sentido únicos, o do “progresso”. Na frente estão os países ricos e ocidentais, pois eles são os desenvolvidos. No imenso abismo da escala social, as hierarquias, em vez de serem consideradas causa, são tidas como conseqüências das diferenças. Em nome do Global, despreza-se o local e particular. A produtividade é definida pelos critérios capitalistas. Quem está fora, no mínimo, é considerado preguiçoso. Assim, avança a lógica da exclusão. Aquele que não se encaixa nela é um obstáculo ou uma ausência, considerado como ignorante, residual, inferior, improdutivo. As religiões, que ajudaram a construir estas monoculturas, são chamadas neste momento histórico a contribuir na passagem de “monoculturas” para “ecologias”. Pois onde há religiões, há esperança.

Nos últimos anos, as categorias aglutinadoras como “classe popular”, “base”, “povo”, “oprimidos” e “excluídos” sofreram um significativo desgaste. As utopias libertadoras, impulsionadoras de movimentos sociais transformadores, parecem adormecidas diante do avanço da “ideologia do mercado global”. Políticos demagogos e grandes empresas assumiram as bandeiras de grupos libertários, como solidariedade, inclusão social, responsabilidade sócio-ambiental e sustentabilidade. As lideranças de esquerda, quando chegaram ao poder, não conseguiram ainda viabilizar projetos bem-sucedidos de inclusão social e assim frustraram os sonhos das lideranças lúcidas. Acrescente-se ainda a avalanche do individualismo moderno, que condiciona as pessoas a verterem seus esforços para realizar projetos próprios, em detrimento dos coletivos. Soma-se a isso a já citada degeneração das condições de vida do povo. J. L. Segundo, a partir do uso da teoria da dialética massas-minorias, alertava que, em condições extremas de luta pela sobrevivência, sobra pouca energia para empreender projetos liberta-

dores complexos. Dito de outra forma, quando as pessoas estão com a existência em cacos, as energias libertadoras são canalizadas mais em processos terapêuticos do que em processos revolucionários.

A mentalidade contemporânea está cada vez mais sendo marcada pelo mundo virtual e midiático. Configura-se um novo estilo de comunicação, caracterizado por tempo cada vez mais rápido e caducável; *cyber*-espaço que rompe os limites geográficos; predomínio da imagem sobre a palavra; textos breves e diretos; múltiplas e simultâneas comunidades virtuais (como a Orkut) nucleadas a partir de interesses comuns. E uma curiosidade: no Brasil, os internautas jovens usam um “alfabeto fonético”, praticamente incompreensível para os não-iniciados. Por exemplo: “vc naum ker faze isu?” (em vez de: você não quer fazer isso?). Como a hierarquia, os teólogos/as e agentes de pastoral estão integrando estas mudanças na evangelização?

Se o contexto planetário modificou-se muito, em relação àquele na qual nasceu a TdL, mais drásticas ainda foram as mudanças na Igreja, embora ela não tenha acompanhado a contento a evolução da sociedade contemporânea. A Igreja dos Pobres (vertente prática) e a TdL (vertente teórica) perderam a hegemonia na Igreja da América Latina. Estão tornando-se um grupo minoritário e pouco considerado, embora várias dioceses e pastorais persistam em suas opções e mostrem resultados frutíferos, nesta perseverança.

A confluência de diferentes atores eclesiais está levando a esta situação. No âmbito da hierarquia, grande número dos bispos, sob crescente controle das instâncias romanas centralizadoras, conduzem suas igrejas particulares para “a volta à grande disciplina” (expressão cunhada por J. B. Libanio), reforçam o poder do clero e as tradicionais características católicas (amor ao papa, sacramentos, devoções), e valorizam o ritual em detrimento da ética. A nova geração de sacerdotes, formada em seminários bem protegidos, está configurada para fortalecer o modelo eclesial da restauração pós-moderna. Fenômeno semelhante sucede na Vida Religiosa, que, apesar da resistência e do vigor de suas lideranças, tem recebido em seu seio vocações mais preocupadas com sua realização pessoal do que com o engajamento em ações transformadoras. No âmbito do laicato, multiplicam-se os movimentos com um perfil bem diferente da “Igreja da Libertação”, desde os grupos de oração da Renovação Carismática até os “novos movimentos”, inclusive os fundados no Brasil. Em contrapartida, as CEBs e as pastorais libertadoras diminuem numericamente, além de reduzirem seu raio de ação nas comunidades locais e na sociedade. Além disso, as linhas divisórias esfumam-se, quando, por exemplo, encontram-se lideranças com perfil carismático nas CEBs ou nos grupos de base da Pastoral de Juventude.

Essa “mudança de ventos” na Igreja, tanto na cúpula quanto na base, configurou um novo *bloco histórico eclesial*, no qual se aglutinam neoconservadores, moderados, novos movimentos, pentecostais, e tantos outros. Estabelece-se outra hegemonia, que passa a exercer pressão sobre

todo o corpo eclesial. E, como acontece em qualquer outra instituição humana, os diferentes segmentos dos indecisos, dos pouco convictos e dos oportunistas migram na direção do novo grupo hegemônico. Isso explica, em parte, por que padres que antes se alinhavam com as CEBs e as Pastorais sociais hoje tenham-se restringido a serem “zelosos ministros do altar”. Professores e teólogos rejeitam ou ignoram autores da Teologia da Libertação, com os quais se identificavam até então. Institutos de teologia promovem mudanças na sua grade curricular, dando mais ênfase às disciplinas e aos enfoques intra-sistêmicos, que reforçam a confessionalidade católica. Nas paróquias, o deslocamento também é visível: temas mais intimistas, cantos melosos voltados para a subjetividade carente, liturgias menos inculturadas e mais romanizadas, folhetos litúrgicos insípidos, e esvaziamento das estruturas participativas, como conselhos e assembléias. Sem contar os detalhes folclóricos, como a preocupação vaidosa de clérigos em “aumentar os babados” e enriquecer de rendas suas vestes litúrgicas.

Um dos fatores que conferiu autoridade e reconhecimento aos teólogos da libertação foi sua íntima relação com a comunidade eclesial. Considerados “intelectuais orgânicos” (A. Gramsci), constantemente eram convidados para assessorar assembléias diocesanas e grandes encontros pastorais. Alguns deles passavam certo tempo junto a comunidades populares, para aprender do povo e interpretar sua forma de compreender o mundo e a fé. Estar próximo da luta popular e da comunidade eclesial traziam-lhe uma série de intuições e percepções novas e criativas, com as quais eles/as deviam confrontar com a Escritura e a Tradição da Igreja. Tal aliança era proveitosa para a Igreja, pois a prática pastoral avançava rapidamente, com o olhar crítico e sistêmico dos teólogos, considerados qualificados assessores de pastoral. E era igualmente iluminador para o/a teólogo/a, pois o contato com comunidades vivas lhe nutria o coração. Ele/a se sentia de fato “filho e membro da igreja”, ao celebrar e refletir com comunidades. A prática eclesial também era um corretivo para a arrogância intelectual e o academicismo, tentações constantes para quem milita no campo da Universidade. Ora, o novo cenário eclesial muda completamente esta relação. Os teólogos/as são cada vez menos solicitados nos processos vitais das igrejas particulares e das pastorais. Muitos bispos desconfiam dos teólogos/as críticos e vetam seus nomes. E a própria base da Igreja, cada vez mais marcada por correntes pentecostais e pietistas, não sente necessidade de assessores, a não ser aqueles que confirmem suas convicções. Esta tendência de prescindir do teólogo da libertação empobrece a Igreja e ao próprio teólogo. Ele/a se sente órfão, um “estranho no ninho”, com pouca referência eclesial. Parece mais viável dialogar com alguns membros de outras igrejas cristãs e até de outras religiões, do que estabelecer uma relação construtiva dentro da Igreja católica.

3. Uma “igreja do sucesso”?

No contexto do ambíguo movimento da “volta do sagrado”, que valoriza a religiosidade em detrimento das religiões estruturadas e da rápida e intensa

proliferação de igrejas evangélicas, uma parcela significativa da Igreja católica convence-se de que precisa correr contra o tempo para diminuir as perdas e, se possível, reconquistar os fiéis. Seria necessário entrar na concorrência religiosa para ganhar o jogo. E um cristianismo profético, minoritário, centrado no empenho pela justiça não consegue este tipo de sucesso. Talvez sem intenção explícita, a Igreja está capitulando diante da lógica e dos métodos do “mercado do sagrado”.

Philip Kotler, uma das figuras mais importantes no cenário mundial do *marketing*, define gestão do *marketing* como “a arte e a ciência de escolher os mercados-alvo e de conquistar, reter e cultivar clientes, por meio da criação, comunicação e fornecimento de valor superior para eles”. É evidente que uma igreja que se pauta na eficácia do sucesso e não na qualidade de seu testemunho evangélico, acabe movendo-se, mesmo sem ter consciência disto, pelas regras da gestão do *marketing*.

O mercado global padroniza o modelo de produção, distribuição e consumo. E simultaneamente atua em nível local, segmentando o público consumidor. Sabe muito bem tirar proveito dos grupos locais, identificando públicos-alvo específicos (*target*) com suas respectivas potencialidades de consumo. “Pensar globalmente, agir localmente”, uma bandeira libertária levantada pelo movimento ecológico, já foi apropriada pelo capital, que a transformou em “pensar o mercado global, agir centrado no cliente”. Trata-se de padronizar os processos, para ganhar em escala e diminuir custos, e ao mesmo tempo dar ao cliente a sensação que ele é único, e o produto/serviço a ele oferecido lhe traz soluções e benefícios. Há grupos empresariais que estudam o comportamento do consumidor, observando simultaneamente a evolução de tendências no público jovem em várias capitais do mundo. A partir desta pesquisa, subsidiam grandes empresas transnacionais, sinalizando que tipos de produtos e de serviços poderão responder melhor às necessidades e aos desejos de diversos segmentos do mercado, no ano seguinte.

Em sentido lato, se diz “produto” a tudo aquilo que é produzido e colocado numa rede de trocas. Em sentido estrito, distingue-se “produto”, algo tangível e material (como um pacote de arroz, um par de sapatos, um carro) de “serviço”, que é mais intangível e envolve o cliente (como educação privada, medicina ou cabeleireiro). O produto (em sentido genérico) religioso faz parte do setor de serviços, em sentido estrito.

Segundo a teoria do *marketing*, o sucesso de um empreendimento depende da correta composição do *mix mercadológico*. Classicamente, o mix é definido pela conjugação de quatro fatores: *produto*, *preço*, *distribuição* e *comunicação*, o que se traduz para o cliente em *valor atribuído*, *custo*, *conveniência* e *sintonia*. Assim o *produto* religioso caracteriza-se como um serviço que oferece símbolos e valores espirituais a seus fiéis, trazendo-lhes como benefício o bem estar humano e espiritual; um sentido para (sobre)viver, enfrentar os reveses da vida e a crise da morte; e dependendo das circunstâncias, alcançar a cura psico-somática. Quanto ao *preço*, até agora o serviço católico é um dos mais

aceitáveis, se comparado aos seus concorrentes. Mas o mercado tem outra lógica complementar: o preço está condicionado ao valor atribuído pelo consumidor. Este poderá pagar mais por um produto, se a sua satisfação for maior. Assim, um fiel evangélico paga um dízimo que o católico considera caro, porque percebe que sua igreja lhe traz benefícios e soluções compatíveis com a sua contribuição. A característica do mix, denominada *distribuição*, diz respeito a como um produto ou serviço chega ao cliente, lá onde ele está, utilizando os recursos da logística e os canais correspondentes. A religião deve se tornar a mais conveniente possível, de forma a facilitar a participação e o envolvimento de seus membros. Adotar uma boa estrutura de distribuição significa: o fiel tem facilidade de ir até a igreja (entendida como templo físico e comunidade de pessoas) e a igreja vai até ele, interpretando e respondendo aos seus desejos e necessidades. A *comunicação* compreende as estratégias para tornar conhecido determinado produto e deixar na mente do consumidor uma boa imagem da sua marca. E também visa a fortalecer vínculos, de forma a fidelizar o cliente. Portanto, duas dimensões complementares: imagem, de forma a deixar o produto sempre atrativo e relacionamento duradouro, construindo lealdade. No caso da religião, a comunicação deve combinar o mais amplo leque de canais, desde os pequenos grupos locais, centrados no calor das relações interpessoais e na interatividade, até os diversos tipos de mídia (jornais e revistas, rádio, TV e Internet).

Uma coisa é entrar na lógica do mercado do sagrado e buscar sucesso, outra é ser competente para fazê-lo bem. Se olharmos do ponto de vista meramente funcional, a Igreja católica tem muitas vantagens competitivas. Do lado positivo, sua imagem é a de uma instituição consistente e sólida, que atravessa séculos e não cede aos modismos, pois já tem um *posicionamento* definido. Ostenta a poderosa e conhecida *logomarca* da cruz, além dos símbolos diferenciadores: o Papa, Maria e a Hóstia, denominadas “três devoções brancas” por Y. Congar. Mas apresenta também graves limitadores. A Igreja católica deixa a desejar no tocante ao profissionalismo na condução de suas instituições formais de educação, saúde, comunicação e gestão do sagrado. Ela necessitaria ainda uma estrutura funcional mais flexível e pessoas mais ágeis, capazes de responder com maior rapidez às demandas de um mercado que muda muito rapidamente.

De ponto de vista teológico-espiritual, a opção pelo sucesso no mercado do sagrado exige um acurado discernimento. A Igreja necessita apropriar-se de instrumentos e processos disponíveis para evangelizar o homem e a mulher de hoje. Mas eles não são neutros e têm seu preço. É incoerente com a fé buscar visibilidade a todo custo, a ponto de comprometer o vigor da qualidade cristã em ser sal da terra (Mt 5,13). A visibilidade cristã deve conduzir a Deus e ao seu Reino, não ao culto da instituição que age em nome Dele: “Assim brilhe a vossa luz aos olhos dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16).

Não interessa a qualquer *igreja do sucesso*, seja ela católica ou evangélica, a teologia da libertação, pois esta só lhe traz problemas. Ao tomar a defesa dos pobres e dos excluídos, ela questiona suas alianças com o poder econômico e político. Põe em xeque as reais opções da igreja. Desconcerta pela sua simplicidade. Como Francisco de Assis, a mensagem soa com ternura e vigor: “mais evangelho e menos instituição!”

4. A teologia da libertação

Quem visita Roma ou Florença e gosta de arte, fica fascinado pela beleza de esculturas clássicas de Michelangelo e Bernini, e extasia-se diante de belos mosaicos das basílicas. A TdL viveu um período de consistentes esculturas de mármore, admiráveis e imponentes como a estátua do jovem Davi. Agora, passa pelo tempo de lindos e trabalhosos mosaicos, ainda em elaboração. Quem tem olhar pessimista ou horizonte curto, verá somente um monte de cacos de pedrinhas coloridas. Quem crê na contribuição cristã para “um outro mundo possível” continuará trabalhando com alegria e esperança nos mosaicos. Nem os ventos destruidores (diferentes do vento impetuoso de Pentecostes), que misturam as pedras e a obrigam a recomeçar a tarefa, impedi-lo-á de seguir sua tarefa. Ele/a sabe que o lugar do mosaico não é somente atrás do altar principal, mas também do lado de fora do templo, para brilhar à luz do sol e ser um sinal para todos os que caminham nas ruas e praças, a começar dos mais pobres.

Dada a exigüidade do espaço e o gênero literário desta crônica, apresentarei brevemente algumas tendências e tarefas atuais da TdL. Trata-se do rascunho do mosaico, que estamos construindo juntos. Em tempos de crise, é preciso fazer sínteses provisórias que nos dêem algumas certezas básicas, necessárias para continuar a caminhar.

a) De hegemônica à minoria abraâmica

A TdL foi uma realidade teológica e pastoral tangível, uma corrente teológica caudalosa identificável. No atual contexto, ela se torna, sobretudo, um movimento inspirador, que está presente em vários enfoques teológicos, como a eco-teologia, a teologia feminista ou a teologia negra. Embora haja o risco de diluir-se nestas teologias, com estas a TdL estabelece uma relação profícua e fecunda, suscita novas reflexões e faz avançar a espiral hermenêutica da fé cristã. Para alguns, parece que a TdL tende a desaparecer como uma corrente teológica determinada e passará a ser um mero elemento qualificador da teologia em diálogo com o mundo, visando colaborar com a cidadania planetária. Sem dúvida, essa é uma tarefa da TdL, mas ela não se reduz a isso. É preciso chamar a atenção para o risco da alteração semântica, de “Teologia da Libertação” para “teologia libertadora”. Essa perspectiva não corresponde à verdadeira interpretação da TdL, que tem seu estatuto teológico bem definido: o encontro dos pobres com Deus

na história. E são eles o lugar teológico por excelência da revelação: “Vão e digam a João o que vocês estão vendo: os pobres estão sendo evangelizados” (Lc 7,22).

Numa igreja que se configura como organização forte e estruturada em torno do clero, que reforça as características da sua confessionalidade e que entra no jogo do mercado do sagrado, uma teologia que centra sua reflexão na aliança de Deus com os mais fracos, com os pobres, será sempre *minoritária*. Não poderá falar em nome da Igreja, como fez no passado recente, mas somente como uma das tantas vozes que ecoam no polifônico e, às vezes, desafinado coral dos mensageiros do Reino. Assumir-se como minoria exige humildade e desapego do passado. Trata-se de acolher com alegria e perseverança o que Deus nos reserva neste tempo. Parafraseando Dom Hélder Câmara, a teologia da libertação faz parte das minorias abraâmicas, que esperam contra toda esperança e abrem caminhos novos, em meio a muitas dificuldades e incompreensões. Nesta experiência de fé, vive da promessa e experimenta que o deserto é fértil. No século passado, muitos movimentos minoritários, na teologia e na vida eclesial, desenvolveram-se após a Segunda Guerra Mundial e tiveram importante papel na renovação conciliar do Vaticano II. A TdL minoritária sabe que tem um papel importante na gestação de uma “outra igreja possível”. Mesmo que seja perseguida, ela deve continuar dialogando com a sociedade moderna e apontando os limites dos fundamentalismos religiosos, como bem sinalizou C. Geffré no Fórum. Outra estratégia vital, em vista do futuro, é investir de forma sistemática na formação integral (teológica, metodológica e espiritual) de lideranças leigas multiplicadoras.

b) Das monoculturas às ecologias

Segundo F. Capra, a *biodiversidade é a base da resiliência*.¹ Ou seja, os ecossistemas conseguem repor-se dos desequilíbrios devido à imensa pluralidade de espécies e às múltiplas relações de interdependência entre todos os seres abióticos (água, rochas, solo e ar) e bióticos (microorganismos, plantas e animais). A natureza reequilibra-se graças a esta relação de complementaridade entre todos os seres. Por incrível que pareça, na “lei da selva”, a cooperação é mais importante do que a dominação e a competição. Até os resíduos de determinado animal ou planta servem de alimento ou compõem o sistema de sobrevivência de outro. Na natureza não existe lixo, que é uma invenção dos humanos (!). Os sistemas de monocultura são extremamente frágeis e propensos à manifestação de pragas, que quando combatidas com substâncias químicas danosas, causam maior destruição e enfraquecem o ecossistema.

¹ Segundo o Dicionário Novo Aurélio, resiliência é a “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica”.

Ao estudarem o fenômeno da religiosidade popular, alguns pesquisadores constataram que um traço do catolicismo, que o diferencia de muitos grupos evangélicos, é a inclusividade. Ou seja, abrigar em seu seio correntes de pensamento diferentes e até contraditórias. O próprio cristianismo, como religião histórica, é fruto de um grande (e bom) sincretismo, que reuniu elementos díspares do judaísmo, da filosofia grega e de alguns cultos pagãos, com o critério unificador e purificador da Boa Nova de Jesus. Isso é diferente do fenômeno atual da bricolagem, no qual os elementos de diferentes religiões justapõem-se na forma de um “sincretismo *light*”, mas não se articulam. Se a Igreja quer ser um sinal para o mundo moderno, deve buscar consensos naqueles pontos vitais para sua identidade e missão. Mas reduzir drasticamente seu campo hermenêutico, exigindo formas uniformes de compreensão e expressão, e procurando (inutilmente) banir a písteo-diversidade (distintas expressões da fé) é diminuir sua resiliência e tornar-se mais vulnerável. O que pareceria uma manifestação de força, revela-se o contrário.

A TdL continua a ter um papel importante como agente de diálogo na Igreja. Ela testemunha a tolerância, o respeito, o consenso que faz crescer. Traz elementos críticos e iluminadores, advindos da razão, da experiência a partir dos pobres e excluídos, da mística e do bom-senso. E, mesmo que muitos grupos não queiram dialogar, pois acham que nada têm a aprender, ela mantém a atitude de diálogo, de busca conjunta de uma verdade que vai à nossa frente e nos supera. A TdL é chamada a começar um diálogo com o pentecostalismo, pois uma multidão crescente de pobres faz parte da Renovação Carismática. Isso exigirá grande desprendimento e humildade. Se buscamos as “sementes do verbo” em outras igrejas e religiões, temos que exercitar o mesmo olhar com as manifestações religiosas na nossa comunidade eclesial.

Nas culturas humanas, a sócio-diversidade pode manifestar elementos enriquecedores ou formas históricas de dominação. Aqui vale um critério para a TdL, levantado por uma participante do FMTL: “Temos o direito de ser diferentes, quando as igualdades nos descaracterizam. E lutamos para sermos iguais, quando as diferenças nos inferiorizam”. A TdL, em relação íntima com a eco-teologia, a teologia feminista e a teologia afro-ameríndia, denuncia as diferenças que desumanizam, alerta sobre as tendências separatistas, valoriza os sujeitos históricos excluídos e contribui para a formação de redes relacionais cada vez mais amplas.

c) Um saber anfíbio

Um dos indicadores de equilíbrio ambiental é a presença de anfíbios, como sapinhos e rãs. Pelo fato de habitarem em dois ou mais biossistemas, como o da terra e o da água, estes seres vivos estabelecem múltiplas relações. Quando desaparecem, é um sinal perigoso de que as conexões ocultas da “teia da vida” estão rompidas. Por analogia, dizemos que a TdL é um saber anfíbio, em vários sentidos. Ela nasceu em meio à pastoral popular. Procurou responder à pergunta: com que a nossa fé contribui para promo-

ver uma “vida em abundância” (cf. Jo 10,10) para os pobres, a partir deles e com eles? Migrou para a academia, sem perder seu viés popular. Esta é uma das características mais originais da TdL: é um conhecimento que circula em diferentes sistemas de saberes, tanto o popular quanto o acadêmico. Do âmbito popular, recebe plasticidade de imagens, intuições, inspirações espirituais e questionamentos, e contribui como um saber prático, simples, significativo e articulado com a prática pastoral. Do âmbito acadêmico, recebe rigor de conceitos, método, linguagem científica, visão sobre a Escritura e a Tradição, e contribui com um saber sistemático, crítico e apaixonado, em diálogo com perguntas e contribuições do mundo contemporâneo. A TdL hoje deve aprofundar sua vocação de ser anfíbio, circulando nos saberes popular e acadêmico, pastoral e teológico, eclesial e sócio-cultural.

d) Profetismo a partir dos pobres

A TdL exerce a profecia na linha do pensamento complexo. Enquanto “razão encharcada de emoção” (E. Morin), é eficaz à medida que articula forças opostas e complementares, como união espiritual e esforço humano, conceitos e analogias, rigor e poesia, crítica desestabilizadora e sabedoria integradora. Inspirada nos profetas bíblicos, a teologia reconhece-se portadora de um saber que não se origina de si mesmo. Com “temor e tremor”, faz-se serva da Palavra. Atualmente, o/a estudante de teologia necessita tanto de categorias para esclarecer sua mente, quanto de orientações para seguir Jesus mais intensamente. Esta demanda aparece sobretudo nos leigos/as, que buscam um conhecimento com incidência existencial. Mas o teólogo profissional, devido ao temor de reduzir o discurso teológico à exortação piedosa ou à homilética, tem dificuldades em compaginar a abordagem científica com a espiritual. Cada vez mais, a TdL deve ser uma teologia mística e mistagógica, a começar pela qualidade da experiência espiritual do/a teólogo/a, que transparece nas suas atitudes, nas suas palavras e nos seus escritos. Uma mística encarnada e engajada, centrada no amor a Jesus e ao Reino.

Em nome do Deus da Aliança, do Deus de Jesus, a teologia denuncia a manipulação do nome de Deus e as incoerências dos que avidamente lançam-se no mercado do sagrado: “Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim” (Mt 15,8). Embora respeitoso com relação às manifestações da religiosidade, relembra que Deus quer a misericórdia, antes que o sacrifício (Os 6,6). Consola o povo e ajuda a reconstruir a esperança, neste tempo de crise de utopias. Recorda à comunidade eclesial sua história recente e remota, ajudando-a a “fazer memória”. Traz à tona o testemunho do sangue dos mártires, de Santo Estevão a Dorothy Stang, passando por Oscar Romero, o Santo das Américas. Todas estas dimensões da profecia ganham cada vez mais importância, embora sejam vistas com desconfiança ou indiferença pelo grupo hegemônico. Perseguição e incompreensão também fazem parte da vida do profeta.

Por fim, a TdL é chamada a fazer uma leitura profética esperançada, identificando onde os pobres estão ensaiando experiências libertadoras e quais

são os grupos comprometidos na construção da cidadania planetária. Poderíamos citar as cooperativas de catadores de papel e recicladores, que resgatam a dignidade dos moradores de rua e empobrecidos em alto grau, ao mesmo tempo em que contribuem para a questão ambiental. Ainda, a luta e a organização dos Sem-Terra, na cidade e no campo; as iniciativas de educação popular com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, a aplicação de medidas sócio-educativas, as pessoas e instituições engajadas no controle social e na realização de políticas públicas, etc. Importante, sobretudo é perceber que a opção pelos pobres, base para a TdL, está assumindo traços singulares, porque a pobreza tem assumido novas faces. Como também surgem novidades na metodologia de superação da pobreza. Em meio a contradições históricas, com trevas e luzes, o Espírito de Deus nos conduz a “Novo céu e Nova Terra”.

O Fórum Mundial de Teologia e Libertação foi um importante passo para reunir pessoas, levantar temas e alimentar esperanças. Oxalá ele desencadeie processos que fortaleçam e ampliem a atuação da TdL, nos vários cantos da Terra, em vista de “um outro mundo possível”.

Afonso Murad FMS, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), com a tese “Revelação e história : um estudo sobre o pensamento teológico de J. L. Segundo” (1991). Professor no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia do ISI-CES (Belo Horizonte), publicou: *Este Cristianismo Inquieto: a fé cristã encarnada em J. L. Segundo*, São Paulo: Loyola, 1993; *Quem é esta mulher?: Maria na Bíblia*, São Paulo: Paulinas, 1996; *Visões e Aparições: Deus continua falando?*, Petrópolis: Vozes, 1997; *Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas*, São Paulo: Loyola, 2003 (em co-autoria com J. B. Libanio, 4. ed., traduzido para o espanhol e o italiano); *A espiritualidade como caminho e mistério: os novos paradigmas*, São Paulo: Loyola, 1999 (em co-autoria com Marcial Maçaneiro); *Maria toda de Deus, tão humana*, São Paulo: Paulinas, 2004.

Endereço: R. Aimorés 2480, 2º andar – Lurdes
30.140-072 Belo Horizonte – MG
e-mail: amurad@ubee-marista.com.br